

RODA DE CONVERSA: PANDEMIA, ERGONOMIA E ACESSIBILIDADE

Por

ELALI, GLEICE AZAMBUJA

Editora-adjunta (Moderadora)

CONVIDADOS (Professores Doutores, mencionados na ordem de fala)

VILLAROUCO, Vilma; DUARTE, Cristiane Rose; MERINO, Eugenio; MERINO, Giselle; COSTA FILHO, Lourival; COHEN, Regina; MONT'ALVÃO, Claudia; SANTIAGO, Zilsa.

EQUIPE DE APOIO TÉCNICO

MEDEIROS, Renato; ELALI, Louise A.; VELOSO, Maísa; MEDEIROS, Luciana; ALBUQUERQUE, Glauce; SANTA ROSA, José Guilherme; ANDRADE, Heitor; SILVA, Cintia A.; LIMA, Cynthia C.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A partir dessa edição, a sessão PRAXIS vai incorporar periodicamente a subseção RODA DE CONVERSA, um encontro entre profissionais convidados pelos editores da Revista PROJETAR para debater um tema ligado ao projeto e à percepção do ambiente construído que esteja em evidência no momento. A atividade acontecerá a partir de uma ou duas questões-motivadoras, terá moderação de um de nossos editores e poderá ser presencial ou virtual, dependendo da situação. A proposta não é exaurir o tema, e sim sugerir caminhos e linhas de pensamento para explorar o assunto. Além de promover o encontro de ideias, a revista se propõe a publicar matérias com sínteses das respostas obtidas e do debate final, visando fomentar a continuidade da discussão e a renovação do próprio campo de estudos.

Esse número apresenta a Roda de Conversa Virtual “PANDEMIA, ERGONOMIA E ACESSIBILIDADE”, que aconteceu no dia 13 de maio de 2020, a partir das 16 horas, data e hora em que ocorreria a abertura do ENEAC2020¹, em Natal. A fim de garantir acesso democrático e gratuito ao seu conteúdo, o evento foi disponibilizado ao vivo por meio do *Facebook* e permanece *on line*² para consulta dos interessados. A escolha do tema aconteceu devido a dois motivos relacionados entre si: a incidência mundial do COVID19 e, em consequência, o adiamento do ENEAC2020.

O primeiro destes motivos é a pandemia gerada pela ação da COVID19, vivenciada planetariamente. Até março/2020 tínhamos um modo de vida e um tipo de vivência cotidiana no Brasil. A partir de então muita coisa mudou, lembrando que, em outros países, essa situação pode ter se configurado antes ou, talvez, não tenha sequer se instalado, embora o estado mundial de tensão seja evidente e ainda crescente. Em março/2020 vários estados brasileiros se declararam em “estado de pandemia” e, deste momento em diante, aconteceram transformações que afetaram a maneira das pessoas se relacionarem entre si e com o ambiente. Assim, nós, que estávamos acostumados a nos mover no ambiente com relativa liberdade, passamos a precisar manter isolamento social, condição que tem reflexos tanto na cidade, na área urbana, quanto nas habitações. Se até aquele momento vivíamos a cidade em diversos momentos e funções, para trabalho, estudo, esportes, lazer, transportes, etc., passamos a nos restringir a fazer tudo (ou quase tudo) em nossa própria casa. Além disso, passamos a ser impelidos (e instruídos) a tomar inúmeros cuidados excepcionais, notadamente com relação à higiene: aumentar a frequência e a qualidade da lavagem de mãos, usar álcool em gel, manter distância de outras pessoas, diminuir ou regradar comportamentos de afeto (abraços, beijos, até apertos de mãos), usar máscaras, controlar o acesso de produtos à nossa habitação, entre tantas outras alterações significativas. Também cresceu (enormemente), o uso (e dependência) de tecnologias, em especial aquelas relacionadas à comunicação. Telefones celulares, tablets, *lap tops*,

computadores e similares passaram a ser considerados eletrodomésticos essenciais, enquanto *softwares* antes pouco conhecidos foram rapidamente popularizados. Sem dúvidas, temos experimentado uma quantidade enorme de transformações em um tempo excepcionalmente curto e em esfera global, um fenômeno que provavelmente nunca aconteceu antes.

O segundo motivo para a formação desta roda de conversa foi o adiamento do VIII Encontro Nacional de Ergonomia no Ambiente Construído e IX Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral, conhecido como ENEAC2020. Na edição de 2018, ocorrida em Fortaleza, ficou definido que o ENEAC2020 aconteceria em Natal/RN, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e seria organizado por três Programas de Pós-graduação - em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente (PPAPMA) e em Design (PPgD) - e pela Secretaria de Inclusão e Acessibilidade (SIA), todos vinculados à instituição. Posteriormente definiu-se que ele seria entre os dias 13 e 15 de maio de 2020; no entanto, devido às restrições sociais impostas pelo combate à COVID19, foi preciso adia-lo para 28 a 30 de outubro do mesmo ano. Na programação inicialmente divulgada, a abertura do ENEAC2020 aconteceria em 13 de maio (quarta-feira), às 16 horas; a Comissão Organizadora resolveu marcar a data por meio da realização de um evento virtual, posteriormente caracterizado como uma roda de conversa.

Diante dessa conjuntura, foram definidas como questões-motivadoras para o encontro:

1. **Qual o impacto da COVID19 sobre a ergonomia e a acessibilidade?**
2. **Como a ergonomia e a acessibilidade podem participar do enfrentamento da pandemia e da condição de isolamento social imposto por ela?**

Além da mediadora, participaram oito (08) pesquisadores brasileiros vinculados à área de Arquitetura, Urbanismo e Design (AUD), todos professores doutores em suas áreas de conhecimento, e representando cinco estados: Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Cada convidado (ou dupla) teve entre 5 e 10 minutos para fazer sua argumentação, dando pistas para a construção de uma resposta às perguntas formuladas. Todos ficaram à vontade para escolher a perspectiva a abordar. A plateia se manifestou por meio do *chat* durante toda a sessão e, ao final, os participantes responderam às indagações dos interessados.

O encontro teve duração total de duas horas, tendo se caracterizado pela disponibilidade de todos para a troca de experiências, pelo uso a tecnologia como recurso para aproximar-nos mesmo em um momento de isolamento social e por muito bom humor. A Figura 1 é uma imagem da tela capturada ao final do encontro, reunindo a mediadora, o conjunto de participantes e dois membros do apoio técnico.

Figura 1: Imagem da roda de conversa.



Fonte: Print da tela (gerado pela plataforma Zoom).

Da esquerda para a direita, na Primeira linha: Gleice Elali, Eugenio e Giselle Merino, Vilma Villarouco, Lourival Costa Filho;
Na Segunda linha: Claudia Mont'Alvão, Regina Cohen, Zilsa Santiago, Cristiane Rose Duarte;
Na Terceira Linha: Renato Medeiros; Louise Elali.

Participante 1: VILMA VILLAROUÇO

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Engenharia, Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará (UFC / PPGAUD) e dos Programas de Pós Graduação em Design e em Ergonomia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDesign e PPGErgo / UFPE), email: vilma.villarouco@ufpe.br

Achei o mote desta conversa bastante adequado, em todos os sentidos: pelo momento que estamos vivendo; por este isolamento que nos obriga a ficar trancados entre quatro paredes; pelo sofrimento, pelas pessoas que tem tido pânico, tem se desesperado, pelas pessoas que não tinham o hábito de estar tanto dentro de casa, algumas que, aliás, tinham pouquíssimo hábito de ficar em casa vivendo transtornos nesta relação com seu próprio ambiente.

Este nosso momento de "roda de conversa" expressa uma adequação perfeita, da situação citada, com a ergonomia e a acessibilidade, temas que temos tratado há tantos anos, mas, que parecem ainda não compor o repertório natural das cidades e suas edificações.

O ENEAC nos reuniu aqui. Ele surgiu no ano de 2007 em primeira versão que aconteceu aqui no Recife; tive o privilégio de criar este evento. Na época tínhamos um grupo técnico sobre ergonomia do ambiente construído na Associação Brasileira de Ergonomia, e as pessoas disseram "precisamos de um evento para tratar disso". Ali o desafio foi lançado; começamos naquele ano, já passamos de 10 anos de existência, e hoje estamos aqui, na oitava edição do encontro. Natal, na pessoa da professora Gleice Elali da UFRN, aceitou o desafio de fazer o evento este ano; a abertura seria hoje e, de certa forma, estamos mesmo começando; o ENEAC deixou de ser um evento de 3 dias, está começando hoje e deve durar até outubro, quando esperarmos nos encontrar em Natal. As pessoas que estão nos assistindo agora pelo *Facebook* têm esse canal para falar com qualquer um de nós, interagir, 'trocar ideias' além de ter nossos trabalhos disponibilizados por nós, se assim o desejarem.

Focando no tema proposto para esta conversa de hoje e nas questões que a norteiam, gosto mais da segunda pergunta: "como é que a ergonomia e a acessibilidade, como é que a gente, pode interagir positivamente neste contexto de pandemia?" Andei refletindo muito sobre a questão. Imagino que este cenário atual, estes meses que nós estamos vivendo, talvez cheguem a durar um ano inteiro. Alguns países começaram com o problema antes e outros depois; os primeiros casos registrados começaram ainda em dezembro/2019 e, talvez, no próximo dezembro ainda tenhamos casos de COVID-19 em algum lugar. Então, para este momento atual, o que nos move é a reflexão. Porque [hoje] nós não conseguimos sequer planejar alguma coisa e colocar em execução no momento. Nós não podemos realizar obras, nós não podemos intervir... O máximo que conseguimos fazer é pensar nos auxílios que podemos dar, nas estratégias que podemos elaborar, nos planos futuros que podemos fazer, uma vez passada esta pandemia. O que nos move agora neste momento - caracterizado pelo que vem acontecendo todos os dias e que nos chega, através das mídias sociais e telejornais, das várias pessoas que se pronunciam sobre o assunto - é [discutir]: Quais são os danos? O que tem causado os maiores problemas? O que tem trazido impossibilidades? Quais são as maiores dificuldades?

Alguém pode dizer: "No Brasil, em primeiro lugar, como grande dificuldade, o sistema de saúde!" E é verdade, o sistema de saúde pública, principalmente. Mas se trouxermos para a questão que estamos tratando (a ergonomia no ambiente construído e a acessibilidade), mesmo que tivéssemos condições quantitativas de receber as pessoas e acomodá-las em leitos hospitalares, será que esses hospitais estariam preparados de acordo com o enfoque desta nossa conversa? E que fique ressaltado: quando dizemos acessibilidade não estamos falando no acesso apenas para as pessoas com deficiências, às pessoas idosas, às pessoas com deficiência visual... Estamos tratando da questão mais macro, do desenho (aqui entendido como design, projeto) universal, precisamos criar condições para que todas as pessoas possam usufruir e se locomover com segurança em absolutamente todos os espaços.

Mesmo que tivéssemos um sistema de saúde adequado, qualitativa e quantitativamente, será que, sob esses enfoques da ergonomia do ambiente construído e da acessibilidade, eles estariam prontos para atender as pessoas, em uma quantidade enorme, num fluxo imenso aos hospitais [para os quais] elas têm se deslocado nesse momento?...

Ergonomia significa 'adequação às pessoas'. Adequação de que? De basicamente tudo. A ergonomia começou com os estudos do trabalho; hoje, muito mais expandida, ela está presente no trabalho, no lazer, nos esportes, nos serviços domésticos, porque todas as atividades humanas devem estar adequadas às pessoas, e nunca no sentido contrário. Não sou eu que tenho que me adequar às situações, são as situações que têm que se adequar a mim.

Dentro dessa perspectiva creio que o que podemos fazer [muito], é inserirmo-nos num leque extremamente amplo: como propor, interagir, refletir, talvez buscar estar preparados se, por ventura (ou por má ventura), mais adiante aconteça um novo cenário como este que estamos vivendo agora. Tenho certeza que no mês de janeiro nenhum de nós imaginaria que o ENEAC não iria acontecer, porque não poderíamos nos deslocar até Natal, porque não poderíamos nos aglomerar. Vivemos uma realidade nova e estranha e temos elementos para contribuir para que novos parâmetros se estabeleçam, no sentido de prover melhores condições de vida às pessoas.

No ENEAC teremos uma mesa redonda que vai tratar de ergonomia, neurociência e acessibilidade. Quero falar só um pouquinho sobre neuroergonomia, um termo que também chegou aos ambientes e pessoas de arquitetura encontram como neuroarquitetura. E em uma pesquisa que estou desenvolvendo como professora visitante na Universidade Federal do Ceará, falamos em neuroacessibilidade.

Onde é que isso entra no que vivemos hoje? Entra quando pensamos em como as pessoas percebem e sentem o ambiente. Se eu preparo o ambiente para as pessoas, elas o percebem, o vivenciam, interagem e reagem... e agora estamos preocupados em entender como é que os processos mentais acontecem diante desta percepção, das situações que as pessoas vivem no interior dos espaços... O que é que está trazendo estímulos ao seu cérebro, através das sensações, das emoções e das percepções [que surgem] quando você experiencia os ambientes? Isso tudo está extremamente engajado com esse momento, quando somos instados a estar em casa, vivendo dia após dia nossos espaços domésticos.

Nós estamos preocupados com as pessoas. A ergonomia se preocupa com as pessoas, a acessibilidade se preocupa com as pessoas.... temos uma preocupação grande com as pessoas idosas, por exemplo, com as pessoas vulneráveis, com as pessoas que não tem casas adaptadas, ajustadas a uma mobilidade adequada, pessoas que não conseguem adentrar a um espaço porque a mobilidade dele não foi pensada em nível de acessibilidade. Eu preciso de ambientes com acessibilidade, eu preciso que o ambiente transmita segurança às pessoas.

E o que é que acontece com o nosso cérebro quando eu me deparo com situações ambientais que me causam medo? Que me fazem sentir insegura? Que me transmitem sensações pouco agradáveis? As vezes a gente pensa que o lado direito do cérebro é maravilhoso, que os artistas têm o lado direito mais exacerbado. Difundiu-se que este é o lado da criatividade... Mas é exatamente o lado direito do cérebro que mais se ativa diante das sensações de medo, de depressão, as sensações que nos fazem 'ficar prá baixo'. Nesse aspecto as neurociências aplicadas têm contribuído nesse estudo. Como nosso cérebro reage diante das configurações ambientais? Como as pessoas que não veem, reagem ao desafio de se locomover em um espaço urbano desconhecido? Na mesa redonda do ENEAC, para tratar desta temática, teremos um neurocientista que vai nos ajudar a relacionar neurociências, ergonomia e acessibilidade. Estamos trazendo os conhecimentos das neurociências para aplicar nos estudos do ambiente.

São estas as contribuições deste momento, para que nos projetos futuros tenhamos melhor condição de acessibilidade para as pessoas, em COVID, em pandemias, ou em qualquer situação da vida.

Participante 2: CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Geografia, Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ), email: crduarte@ufjf.br.

Gostaria de iniciar a discussão dessas questões tentando recuperar o último ENEAC, em 2018. Na época, falei um pouco de empatia, de acessibilidade emocional. Queria discutir aqui se essa pandemia, esse confinamento, não seria uma oportunidade para, talvez, reformular o ensino de projetos inclusivos nos cursos de Arquitetura. No último ENEAC eu coloquei que, quando ensinamos projeto de arquitetura nas faculdades, geralmente conseguimos trazer o aluno para "dentro do projeto". Existe um modo de projetar que eu chamo de "projeção empática", ou seja, o aluno consegue se sentir no interior do projeto que está fazendo, visualizando o objeto mesmo que não esteja pronto, como se fosse uma outra pessoa vivenciando aquele espaço que ele projetou. No entanto, quando chega a hora de pensar a acessibilidade do projeto, essa empatia acaba e a questão da acessibilidade se transforma em apenas um "problema a ser resolvido", um compromisso burocrático que só busca atender à legislação. Então, os projetos acabam materializando essa objetificação da acessibilidade; eles obedecem a algumas normas e leis e acaba por aí, não existe a acessibilidade emocional, não existe a generosidade projetual, não existe uma certa empatia na hora de elaborar um projeto inclusivo.

Não sei, mas acho que agora que estamos 'presos' em casa, talvez esse confinamento tenha trazido uma maior sensibilidade, uma maior empatia, porque, afinal de contas, fomos privados do nosso direito de ir e vir

e estamos todos enclausurados. Quando falo em direito de ir e vir, não estou falando da impossibilidade de ir do ponto A para o ponto B, estou falando da impossibilidade de ir para a rua, de conviver, de experimentar os espaços públicos. No Brasil isso pode ser um grande problema, pois não somos como alguns países nórdicos onde as pessoas estão acostumadas a ficar três meses trancados em casa durante o frio, durante a grande noite de inverno. No Brasil, a gente está acostumada a ir para rua, para a praia, a conviver; então como é que está sendo sentido isso? Como é que está sendo a privação dessa convivência cotidiana no espaço, nas cidades?

Gostaria de trazer também uma questão com relação ao morar. O morar está sendo colocado à prova, as pessoas que antes tinham a casa apenas como pouso, como local funcional, agora estão vendo que a casa é um local de convívio e isso varia muito de pessoa para pessoa, porque o mundo tem muita desigualdade. Então, enquanto há muita gente que mora dentro de um cubículo, convivendo com várias pessoas, outras estão achando ótimo, sentem-se em “férias”. Uma aluna minha contou que a avó dela, que ficou viúva há pouco tempo, está achando maravilhoso poder contar agora com a convivência de todos em casa, porque as pessoas só passavam em casa e saíam, só apareciam em casa para dormir e agora ela está podendo cozinhar para todo mundo, conversar, ver televisão junto. Ainda, em um terceiro extremo, há pessoas que estão literalmente tendo que “se aturar”: uma outra aluna minha nos disse que mora sozinha e está sendo difícil “aturar a si mesma”.

Então, mal ou bem, esse novo coronavírus está trazendo essa reflexão sobre a falta de mobilidade. Será que isso trará uma certa sensibilização nas pessoas?

Parece-me que estamos nos colocando mais no lugar do Outro. Estamos nos preocupando mais com as pessoas idosas e tenho visto comentários do tipo: “Poxa, as pessoas que moram em uma favela, em um quarto de 3m x 3m, cheio de gente lá dentro, como será que eles estão convivendo dentro dessas condições de clausura, como pode ser isso?”. Eu gostaria de trazer o exemplo da frase de uma amiga de rede social - Cecilia Szczerbacki, 81 anos - que estava desabafando para todos nós o quanto que ela passou a olhar para o outro agora. Ela disse:

(...) eu me senti tão angustiada em relação às queixas que eu tenho feito por eu estar impedida de viver o pouco que me resta de vida e, no entanto, eu sou tão privilegiada da vida que eu tive até hoje. É preciso que o mundo acorde e veja as diferenças e que em algum momento seja feito algo para amenizar o sofrimento de seres esquecidos e sem oportunidades. Dedico meu isolamento em homenagem aos que são impedidos de ter uma vida digna de um ser humano.

Uma outra observação é que me parece surgir o entendimento de que estamos fazendo tudo isso pelo bem coletivo - porque se alguém sai, está colocando o Outro em risco. Então pode ser que esteja surgindo um “olhar à distância” para o Outro também.

Com isso tudo quero apenas apontar para uma possível mudança de olhar, que poderia, talvez, ser aproveitada em estratégias de ensino de projetos inclusivos. A pergunta que eu faço é qual seria a melhor forma para levarmos essas questões para as aulas de projeto de arquitetura, para pensar na acessibilidade como uma possibilidade de criar pontes, de atenuar essa clausura que muitos continuarão a ter, mesmo após a quarentena, de mostrar que existem pessoas que têm problemas sérios de locomoção e mobilidade, assim como eles [os alunos] estão vivenciando agora.

Essas questões vão muito além da acessibilidade, mas tocam ao fundo essa questão da convivência, porque o projeto de arquitetura, de urbanismo e de design não pode ser apenas um problema resolvido pela obediência a uma norma técnica. A acessibilidade tem que ser uma premissa de projeto, desde o começo e sempre. O ato de projeção precisa sempre começar pela generosidade.

Participantes 3: **EUGENIO¹ MERINO e GISELLE² MERINO**

1. *Desenhista Industrial, Doutor em Engenharia de Produção, docente do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGD / UFSC), email: eugenio.merino@ufsc.br*
2. *Designer, Doutora em Engenharia de Produção, docente da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGD/UFSC), email: gisellemerino@gmail.com*

Vamos falar sobre esse desafio, começando por essa nova forma de estarmos nos comunicando por meio virtual. É uma nova forma até da gente se tocar. Paramos de nos tocar fisicamente e agora nos tocamos com palavras, com imagens, com sons, com gestos para os que não podem ouvir, etc. Acreditamos que essa é a tônica do que estamos vivendo hoje, nesse isolamento, nesse momento de recolhimento.

Nós [Giselle e eu] ficamos em um isolamento relativo, porque continuamos trabalhando fisicamente na universidade, numa série de outras atividades de apoio ao combate à pandemia como a fabricação de protetores faciais, caixas de intubação, peças hospitalares, dentre outras. Mas, sem sombra de dúvidas, acreditamos que este momento é de reflexão. Uma das palavras mais recorrentes que escutamos é a palavra medo. É medo de tudo. É o medo da verdade e o medo da mentira, é como se fosse um diferencial semântico, e a gente está nessa dualidade a todo momento.

Em relação à Ergonomia, como a professora Vilma já comentou, precisamos rever uma série de aspectos. A Ergonomia tem direta relação com a acessibilidade, com o ambiente construído, e nós do Desenho Industrial se dá com o uso de produtos e serviços [precisa ser repensado]. É algo que precisa ser revisto. Precisamos rever a forma como estamos abordando os projetos, sem sombra de dúvidas. Há uma necessidade tremenda de reconsiderar tudo. O ensino, por exemplo, na Arquitetura e no Design, onde a própria Ergonomia se faz presente de uma forma às vezes tangencial, não é presente de uma forma direta. Nós não temos, na maioria dos cursos no Brasil, disciplinas de Ergonomia, e talvez não tenhamos pessoas suficientemente preparadas para esse desafio de abordar isso com maior precisão.

E o que vemos em tudo isso? Vemos que hoje existem não apenas o medo, a doença, a contaminação e o contágio, mas também começamos a ver mudanças comportamentais bastante sérias. As mais básicas que podemos comentar agora são as questões associadas a higiene. Algo que é tão natural, porém que muitos de nós, talvez não fizéssemos ou não pensássemos da forma que fomos obrigados a pensar. Então, tudo isso nos leva a novos paradigmas, produtos e serviços diferenciados e com maior acessibilidade. Algo muito simples, como dispensadores de sabonete nos quais as pessoas não precisem tocar com as mãos para utilizar o produto. Abrir torneiras, abrir portas, ir ao supermercado e pegar nos produtos, a forma de se higienizar ao chegar em casa, enfim, quanta mudança precisamos (e precisaremos) para nos adaptarmos ao momento atual. E a Ergonomia está presente em praticamente tudo, já que foca no ser humano, nas nossas capacidades, nossas limitações, nossos hábitos, praticamente tudo vem sendo alterado.

Soma-se a isso, alguns outros aspectos associados a acessibilidade. Quando se fala da acessibilidade comum, como foi já citado, está o ambiente construído, mas também precisamos abrir, por exemplo, a acessibilidade a recursos. Um recurso fundamental nesse momento é o hídrico, a água, no Brasil já em falta em várias regiões, inclusive em localidades em que normalmente não faltaria, como Santa Catarina. Em Florianópolis, estamos com falta de chuva há bastante tempo. Ou seja, o elemento primordial está faltando, juntamente com estratégias e políticas de longo prazo, que realmente venham a nos prover desses recursos mínimos e necessários, e que deveriam ser acessíveis para todo ser humano, como uma missão universal.

Então, precisamos pensar em soluções e como a Ergonomia sempre nos recorda, soluções sempre trazem novas problemáticas. A isto nós chamamos 'soluções' de 'compromisso', sendo necessário abrir a mente e ter um novo modo de pensar.

O COVID está nos dando a oportunidade de repensar tudo a nossa volta. Como professora de Ergonomia na graduação e de Design Centrado no Humano na pós-graduação, tenho o hábito de fazer processos imersivos aplicando a teoria na prática durante as disciplinas para proporcionar ao aluno um momento de empatia, permitindo que o mesmo se coloque no lugar do usuário, vivenciando situações do contexto real e buscando que o resultado desse processo imersivo seja levado para o projeto. Tenho recebido feedbacks nesse período de isolamento de alunos que viam a Ergonomia como somente mais uma disciplina (principalmente da graduação, "porque eu tenho que cumprir os créditos"), do que como algo que faz a diferença. Um exemplo é você chegar em casa e ter um tipo de maçaneta para facilitar abrir a porta de uma outra maneira, de forma que não precise tocar com as mãos. Tem sido um momento de reflexão, isso é um elemento muito bacana, e reforço está sendo uma grande oportunidade, olhando esse significado de 'ficar quieto' como oportunidade para avaliar, reavaliar, repensar todo o nosso entorno.

Com relação aos espaços, há muitas reportagens falando da importância de tomar um pouco de sol durante o dia e a gente vê quantas casas, quantos apartamentos, em que a luz do sol não chega, por exemplo. E sabemos que sol é saúde, é vida, então esses espaços precisam ser repensados. A nossa rotina tem sido repensada, passamos por estágios diferentes dentro de quatro paredes, como a profa. Gleice iniciou a conversa, falando de estar entre quatro paredes. Nós passamos por um momento, primeiro, de: "Ah, ok, eu nunca fiquei em casa, pedi tanto para ficar em casa, é o momento de ficar em casa". Daqui a pouco você passa pelo momento: "Ai, meu Deus, preciso sair um pouco para tomar um sol, caminhar, esticar as pernas". Depois você passa por um momento em que diz: "Eu preciso comprar outro lugar para morar, porque eu sinto falta de um quintal, eu sinto falta de mais espaço." Estamos passando por momentos distintos nesse período de isolamento social, conflituosos.

E vale lembrar principalmente, que somos seres humanos com três grandes capacidades: sensorial, cognitiva e motora. E no momento estamos sofrendo uma sobrecarga com relação a nossa capacidade

cognitiva, momentos de estresse e medo como mencionado anteriormente. O maior desafio que colocamos [Eugenio e eu] no nosso breve resumo é projetar situações reais para o contexto real com soluções viáveis. Muitas oportunidades de repensar, desde processos dentro dos hospitais precisando ser reavaliados, a hospitais de campanha, órgãos de atendimento, etc., há muito que refletir. Outro aspecto diz respeito ao trabalho online (remoto), como falávamos no início, não está sendo fácil. De fato, tenho visto algumas pessoas próximas, famílias com dois, três filhos, tendo que lidar com os três estudando ao mesmo tempo pelo computador, lidando com distração, falta de foco, uma sobrecarga absurda.

Concluindo, algumas palavras nos vieram à cabeça durante os últimos meses. Resiliência, talvez seja a palavra mais recorrente no atual contexto. Nunca ficou tão evidente a importância do trabalho inter, multi e transdisciplinar. É tempo de adotar uma abordagem centrada no ser humano para resolução de problemas, para pensar soluções reais para um contexto real, em um país tão grande, que tem características tão particulares, com suas riquezas, seus aspectos culturais e sua gente. É tempo de empatia aumentada, é tempo de cuidar de si e do outro.

Participante 4: LOURIVAL COSTA FILHO

Arquiteto e urbanismo, Doutor em Desenvolvimento Urbano, docente do Programa de Pós-graduação Design e do Programa de Pós-graduação em Ergonomia, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDesign e PPGErgo / UFPE), e-mail: lourivalcosta@yahoo.com.

Este momento de encontro é uma oportunidade para discutir os desafios que estamos vivendo, trocar experiências e compartilhar ideias sobre a participação da ergonomia e da acessibilidade no enfrentamento da atual pandemia e nas condições do isolamento social.

Enfocando as duas questões propostas, em relação a primeira, que trata do impacto da COVID-19 nas duas áreas em tela, ergonomia e acessibilidade, enxergo a atual conjuntura como um momento de desafio, de aprendizado, com novas demandas de pesquisas e reformulações de outras, porque algumas estão paradas e, muito provavelmente, não vão poder continuar da forma como foram inicialmente pensadas, enquanto durar o isolamento social. E, principalmente, é um momento de enxergar nossos pontos fortes e fracos na gestão da crise inesperada e vai gerar uma fonte de muitas novas informações, inclusive de outros campos do saber, que devemos conhecer para continuar trabalhando nesse cenário de transformações, embora essa busca já caracteriza as duas áreas, que sempre construíram seus conhecimentos na interdisciplinaridade.

Em relação à segunda questão (a participação das duas áreas no enfrentamento da atual pandemia e nas condições do isolamento social vivido), parto do princípio de que a situação mundial é catastrófica e, sendo assim, as recomendações propostas pelas autoridades de saúde não podem ser negligenciadas. Então, a partir dessa decisão, que considero acertada, entendo que o enfrentamento da crise se dá, sobretudo, pela identificação da vulnerabilidade dos trabalhadores e da população em geral, o que, inclusive, vem sendo assim, desde sempre, em relação à ergonomia e à acessibilidade. Esse enfrentamento demanda a adequação (ou adaptação, como a professora Vilma se referiu) dos espaços e a proteção das pessoas. Isso também já vem sendo feito (às pressas, muitas vezes, como já foi comentado em outra fala) em algumas situações emergenciais que depois, talvez, precisem ser retomadas.

Na casa, nova trincheira para o acesso à saúde e a segurança das pessoas, o trabalho à distância requer o uso de recursos provenientes das tecnologias de informação, comunicações e mídias. A intensificação do uso desses recursos, além da necessidade de conciliar trabalho e vida pessoal, uma equação sempre complicada, deve exacerbar problemas de ordem física, psicológica e social. Há, também, de se pensar na qualidade e na segurança desses recursos tecnológicos. A gente tem testemunhado pessoas reclamando da usabilidade de aplicativos, além dos problemas recentes com a segurança dos dados dos usuários de uma dada plataforma para videoconferências. Então, enxergo que o trabalho *home-office*, muitas vezes realizado em postos de trabalhos improvisados e inadequados, colocou-se como desafio para a ergonomia e a acessibilidade, em relação às condições de isolamento social, demandando ações e estratégias inteligentes dessas áreas, para proteção desse trabalhador.

Como se lida com a possibilidade do enfrentamento se estender para o futuro, pode haver a necessidade de ajustamento de normas e procedimentos técnicos. E isso, como consequência, pode demandar mudanças na maneira de se projetar (como também já foi muito comentado) e de se colocar 'Um novo olhar para o projeto', como a professora Cláudia e a professora Vilma têm proposto, a partir dos títulos dos livros que organizam com os trabalhos enviados às diversas edições do ENEAC que recebem as melhores avaliações dos membros do Comitê Científico.

Sabendo que a estrutura de interação humano-ambiente propõe que o comportamento é função conjunta das características pessoais e ambientais, a avaliação empírica da percepção do ambiente seguro e saudável não deve ficar para trás. Para ilustrar esse último aspecto da minha abordagem, vou destacar dois exemplos que vi em uma revista digital de arquitetura e design chamada DESIGNBOOM.

O primeiro exemplo é a proposta de uma empresa aérea italiana para o enfrentamento da crise e das condições de isolamento social. Havia a ideia de deixar os assentos do meio das fileiras triplas desocupados, mas foi feita uma proposta para invertê-los de posição, além de incorporar a eles um escudo de vidro transparente. Porém, como se defende que o contágio da COVID-19 também pode se dar pelo ar, tal solução ainda demandaria o uso de máscaras faciais pelos passageiros, embora a percepção da proteção e da segurança sanitária possa encorajar as pessoas a quererem voltar a voar naquela companhia aérea.

O outro exemplo vem de uma escola primária da cidade de Hangzhou, na China, onde as crianças fizeram chapéus criativos que criam uma zona de um metro em torno delas, que é obtida pelo uso de longas extensões laterais em forma de “asas”, uma referência ao desenho de um acessório usado por imperadores de uma antiga dinastia chinesa. Por meio destes ‘chapéus’, do uso de máscaras faciais, da maior higienização das mãos e da colocação de marcadores em forma de pegadas no piso (para mostrar às crianças onde elas devem ficar ao se alinharem para entrar na sala de aula), foram criadas estratégias que valorizam a importância do distanciamento social e tornou a percepção do problema mais agradável para as crianças.

A abordagem da percepção ambiental me atrai muito e também tem despertado o interesse de muitos colegas das duas áreas aqui enfocadas. Inclusive, recentemente, como coordenador do Comitê Científico do ENEAC-2020, pude constatar um número elevado de trabalhos enviados para o evento sobre essa temática. Quero destacar que vamos ter espaço para discutir tais questões no evento, inclusive na palestra que farei como convidado, em que abordarei a organização das respostas avaliativas à percepção e cognição ambiental, bem como dimensões ambientais e humanas relevantes para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes.

Agora, para concluir, as questões que pontuei trazem grandes desafios para a ergonomia e a acessibilidade no enfrentamento da pandemia atual, uma vez que as condições de isolamento social vivenciadas, embora possibilitem a proposição de soluções de melhoria, demandam ações e atividades práticas, criativas e eficazes, pois algumas demandarão urgência para implantação. Sob esse aspecto, enxergo que o momento é também de reinvenções.

Participante 5: REGINA COHEN

Arquiteta e urbanista, Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Representante do Brasil na G3ict - the Global Initiative for Inclusive ICTs, Smart Cities for All (SC4A), Consultora Internacional em Acessibilidade (ICAC-BE), email:arquitetareginacohen@gmail.com.

Primeiramente gostaria de falar sobre o atendimento médico necessário para o atendimento das pessoas com deficiência frente à COVID19, que começaram baseados em gravidade, maior grau de sobrevida e capacidade do paciente. Foram feitos protocolos éticos para orientar profissionais de saúde na decisão de quem deve ocupar os leitos disponíveis na UTI (Unidades de Terapia Intensiva). Em certos casos, o médico poderia fazer seu próprio julgamento acerca de quem deve ser atendido na pandemia. Muitas “pessoas com deficiência” tem sido excluídas da sociedade, estigmatizadas e esquecidas ao longo da história, apesar da Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) determinar que estas pessoas tem prioridade no acesso a serviços de saúde.

Em março/2020, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou o documento “COVID19: Quem protege as pessoas com deficiência?” (DEVANDAS, 2020). O texto explica medidas de contenção, como distanciamento social e isolamento pessoal, que às vezes são impossíveis para quem precisa de apoio para comer, se vestir ou tomar banho.

Com o agravamento do novo Coronavírus, o Estado e o Município do Rio de Janeiro decidiram agir como a Itália: atendimento seletivo, sacrificando idosos com comorbidades ou pessoas com deficiência e outros comprometimentos. Com o colapso da saúde e o esgotamento de leitos e respiradores, os médicos decidiriam quem iria viver e quem iria morrer. Em decorrência, o Movimento de Pessoas com Deficiência elaborou Nota Recomendatória com o objetivo de recomendar as providências a serem tomadas no abrigamento de Pessoas com Deficiência nas unidades de acolhimento, tanto públicas quanto privadas. Com a adesão e apoio de várias instituições foi elaborado um documento “Todas as Vidas Importam” (MPD, 2020), destinado ao Ministério da Saúde.

Acabei escrevendo um artigo para a WRI, tratando da acessibilidade nos tempos difíceis que vivemos nessa época de pandemia. Por exemplo, as pessoas cegas, como é que elas evitam o contágio, como é que elas seguem as normas sanitárias, do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, de manter o distanciamento social. Eu tive o depoimento de várias pessoas cegas. Elas simplesmente têm que pedir ajuda para as pessoas, às vezes para atravessar a rua, mas hoje as pessoas estão com muito medo e muitas estão se negando até a ajudar. A questão tátil é muito importante para eles.

Em uma ida ao supermercado, a pessoa cega precisa tocar em nos produtos e, em certas circunstâncias, tem que pedir ajuda dos outros. Como a gente resolve essas questões diante de uma pandemia? É a questão da sensorialidade, principalmente para os cegos. A Fernanda me contou que a primeira vez que ela decidiu ir para a rua, se sentiu prejudicada por essa questão. E tenho vários depoimentos semelhantes, várias coisas interessantes. Como conviver diante da pandemia, como acessibilidade pode levar essas questões em consideração?

Já que eu sou cadeirante, também vou falar da minha acessibilidade enquanto pessoa com deficiência física. Comentei com a Cristiane e vou explicar melhor. Estou há cerca de 60 dias em casa terminantemente proibida de sair pelos meus irmãos; vivo com minha mãe, com cerca de 90 anos, e tendo que tomar certos cuidados com ela. Meus irmãos falam para nem ir ao supermercado e a farmácia, para não trazer o contágio para minha mãe, que já está com outros problemas de saúde. Então, desde o dia 09 de março eu não vejo a cara da rua. Meu irmão falou “Não! Como é que você vai higienizar, vai esterilizar a sua cadeira de rodas? “É complicado fazer a higienização de uma cadeira de rodas. E isso afeta na acessibilidade. Então eu estou literalmente presa, e vejo que tem pessoas que estão saindo e voltando rapidinho, mas nem isso eu tenho feito. Porque as recomendações são tirar o sapato, esterilizar, passar álcool... como eu vou fazer essa limpeza toda numa cadeira de rodas?! Esse é outro ponto.

Também tive depoimentos sobre o que está acontecendo com outras áreas. Uma pessoa com deficiência intelectual teve o atendimento médico barrado. Não estão permitindo [a permanência nos hospitais] de pessoas com comprometimentos muito graves que precisam de cuidadores, precisam de ajuda para se vestir, inclusive. Como é que elas vão para o hospital? Além disso, como grande parte das pessoas com deficiência pertence a um grupo da população abaixo da linha da pobreza, [elas] sequer conseguem chegar ao hospital. Tenho uma amiga do Conselho Municipal que é autista adulta e enfermeira. Ela me contou que por falta de informação da família, já houveram casos de autistas morrendo em casa, sem sequer conseguir o diagnóstico, nem se deslocar para ir ao hospital. Existe uma grande dificuldade do contágio, de pegar o transporte, o ônibus.

A acessibilidade, os problemas da cidade são muitos e eles se potencializaram com a pandemia e estão piorando cada vez mais. Distanciamento, falta de toque, falta de ajuda das pessoas que não querem ajudar. Como vai ser isso depois?! O que a gente vai fazer na pós-pandemia para superar isso?!

Tenho lido vários artigos falando sobre as cidades e a pandemia, e tenho uma pergunta que eu coloco para vocês, para ter a opinião de vários especialistas. Um arquiteto que eu gosto muito, Jan Gehl, está fazendo uma pesquisa no mundo todo e narra em vários artigos que as cidades estão se programando para mudanças. Concordo, mas posso estar enganada: as cidades vão ter que mudar na pós pandemia. E o que a gente vai fazer em termos de acessibilidade?! O Brasil, com essa crise toda, crise de saúde, crise de falta de leitos, crise de UTI, de respiradores, vai fazer o que?

E as cidades? Sou conselheira do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado do Rio (CAURJ), estou tentando levar a questão, mas nenhuma unidade federativa está pensando nas cidades pós-pandemia em nosso país. Como vão ser essas cidades? Estou falando de Brasil. Gehl, cita outros locais, como a cidade de Nova Iorque, que esteve no epicentro da epidemia. As cidades estão se programando com agenda para 2030. No Brasil essas coisas têm que ser ditas porque embora a gente tenha que relacionar com a questão da acessibilidade, as cidades, de uma forma geral, vão mudar.

Paris também está fazendo um plano que tira os veículos de todos os lugares da cidade. Assim, a ideia de devolver a cidade para o pedestre que já estava sendo adotada para reduzir o fluxo de veículos, também está sendo adotada em outras cidades como Barcelona e Madri na Espanha, que estão planejando seus futuros, incluindo a questão da acessibilidade, e aumentando os espaços das calçadas. Será que pós pandemia a gente vai ter que continuar mantendo esse distanciamento social?! As calçadas de Barcelona já são muito generosas e estão aumentando mais ainda, é claro que não através de obra, mas estão delimitando com uma pintura amarela em volta para no futuro, quando puderem realmente efetuar as obras necessárias, fazerem isso.

Eu espero todas essas mudanças. O Brasil e nossas cidades precisam, pensar no futuro, e a acessibilidade tem que estar realmente incluída nesse processo. Penso que vai haver sim, uma mudança. Se vai continuar o distanciamento não sei, mas as cidades precisam mudar, estão programando o distanciamento das

peças, estão planejando. Já vi desenhos em que você tem o espaço e você tem uma bolha: o espaço que você se distancia da pessoa numa praça, num restaurante, em vários espaços.

Eu teria muita coisa para falar, mas não posso nem dizer que estou empolgada; porque eu estou com os nervos à flor da pele, sem sair de casa; mas eu espero que nesse processo a gente consiga mudar as urbes brasileiras. Só posso dizer que, neste difícil ano de 2020, a gente realmente ainda não tem nenhuma cidade plenamente acessível em nosso país.

Participante 6: CLAUDIA MONT'ALVÃO

Designer Industrial, Dra. em Engenharia de Transportes, docente do Programa de Pós-graduação em Design e Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGDesign e PPGEL / PUC-RJ), email cmontalvao@puc-rio.br..

Imaginei que boa parte dos colegas, até pela sua atuação profissional, iria trabalhar questões do ambiente construído físico e da casa. Concordo com muito do que foi dito, por todo o conhecimento dessas pessoas em Ergonomia, nessa área. Atuo na área de Ergonomia do Ambiente Construído, mas também na área de Design da Informação. Então as pessoas que eventualmente já leram alguma coisa que escrevi, sabem que trabalho com *wayfinding*, e é um pouco dentro dessa perspectiva que comecei a pensar sobre o que ia falar, para tentar não ser repetitiva.

Sou da PUC-Rio, do Programa de Pós Graduação em Design, e também trabalho com um grupo de outro Programa de Pós Graduação, o de Estudos da Linguagem. Nesse grupo, no LincLab, trabalhamos a questão da linguagem cidadã, que tem realizado alguns trabalhos voluntários de apoio à COVID-19, para reescrever manuais, tentar melhorar a linguagem. O que é isso? O que são essas informações que a gente recebe?

Uma coisa que tem me incomodado especialmente, e talvez até mais como cidadã do que apenas como ergonomista: o descaso - talvez essa seja a melhor palavra em relação às condições de acesso à informação hoje existentes. A Regina acabou de falar uma série de coisas importantes. Então, a pessoa que é cega ou tem baixa visão precisa do contato físico com as superfícies para fazer a leitura: tocar nas coisas, tocar nos objetos, nas pessoas. Não é uma coisa simples.

Em campo semelhante, uma questão que realmente tem me incomodado é o fato de muitas vezes os comunicados oficiais terem o desenquadramento da linguagem de LIBRAS. Me coloquei no lugar de um cidadão surdo. Vi nos pronunciamentos do antigo Ministro da Saúde: muitas vezes que ele era enquadrado, e o intérprete de LIBRAS desenquadrado. Às vezes eu mudava de canal e nesse outro ele aparecia [o intérprete]. Então, se eu não estivesse vendo aquele segundo canal, eu simplesmente não saberia que informação era aquela.

Agora a coisa piorou bastante, porque todos os repórteres falam de máscara. A gente entende, são profissionais que estão trabalhando para todos nós termos acesso à informação, mas na hora que todos botam a máscara eu [se surdo] não sei mais o que eles tão falando. Eu não tenho mais como fazer a leitura labial, foi o que a Gleice falou logo no início, e a Cristiane também falou que ia tentar falar muito articulada para as pessoas poderem entender pela leitura labial, que eu acredito que é uma coisa importante. Acho que essa é uma oportunidade não só de reflexão, como disseram o Lourival, a Gisele e o Eugênio, mas na qual a gente pode pensar - ou repensar - o que são esses produtos oferecidos.

Aqui no Rio, que infelizmente está assolado pela epidemia, vi uma reportagem de mãe-falante com um filho-surdo. Ela fez uma máscara com o visor transparente para que o filho pudesse ver o que ela estava falando³. Acredito que não deve ter sido a única pessoa que pensou numa solução, mas eu fico imaginando quantas pessoas que chegam os hospitais talvez na mesma condição ou com uma grande deficiência auditiva, e mesmo pessoas idosas, para as quais não só a comunicação oral é importante, mas ver a boca que fala é fundamental. E paralelo a isso tem-se a questão também da comunicação impressa. Os materiais que tão sendo produzidos parecem feitos do dia para a noite, talvez por uma pessoa que não saiba bem o que está fazendo, o que quer representar.

Temos uma pesquisa em andamento sobre a percepção do risco relacionada a questão do medo, como Vilma colocou no início. As pessoas estão com medo. Que informação é essa que chega até mim? Que informação é essa, eu consigo confiar? É possível confiar?! São tantas fontes!

Então, acho que essa é uma oportunidade para quem pesquisa Ergonomia... e quem pesquisa Ergonomia basicamente gosta de gente, porque a gente vai atrás das vivências, vai atrás das experiências, tem que fazer esse exercício da empatia que a Cristiane também colocou, que é me colocar no lugar do próximo.

Não tenho nenhum surdo na minha família, não falo LIBRAS. E aí é você vê que para mim a informação que está chegando é muito ruim, mas eu tenho outras fontes de informação? Mas como ficam as pessoas que não têm acesso nem a isso? A gente ouviu aqui vários colegas comentando sobre a questão da casa. Mas juntamos tudo, nesses materiais informativos trata quem tem a casa perfeita. Eu não tenho *dispenser* para sabão na parede, eu não seco a minha mão em papel toalha. E são essas as imagens que vem nos folhetos, nas Tvs, oficiais, produzidas Ministério da Saúde, Prefeitura, Secretária de Estado.

Então é desse tipo de problema que estamos tratando. Acho que a gente tem uma oportunidade para repensar a sociedade, para que seja realmente seja inclusiva, numa sociedade que realmente olhe para o próximo. Não podemos passar por essa pandemia sem nenhum aprendizado, que foi o que Lourival comentou. Precisamos trazer os assuntos para discussão, para pesquisa, para o desenvolvimento. Se não for assim, vamos perder essa oportunidade.

A gente fica feliz em saber que há outras ações, que há situações em que as pessoas estão achando soluções para os problemas. Olhamos e falamos “O que é isso?” Como na Itália, onde ninguém consegue identificar quem são os médicos, e como também na China, que passaram a escrever com uma caneta tipo marcador nas costas daquelas roupas brancas. Escrevem o nome da pessoa, para as outras saberem que é o médico, porque quando se está de costas é impossível saber. Fico me perguntando quantas soluções, quantos projetos de Design de produtos a gente não poderia desenvolver para fazer com que situações assim não tenham soluções improvisadas.

Só para concluir, vi recentemente um TED *talk* do Bill Gates 2015, ainda disponível *on line*⁴, realizado logo depois da epidemia do Ebola, e ele falando sobre uma epidemia. É claro que as pessoas divulgam “Ah! Ele previu o Corona vírus!” Não, não, ele estava falando sobre a epidemia do Ebola, e que aprendeu que é uma coisa invisível, uma coisa micro que atinge macro. Para quem trabalha com Ergonomia muitas vezes é com isso que se trabalha: do micro para o macro e depois retornar ao micro. E, muitas vezes, tem esse vai-e-vem. E o que ele dizia era justamente que se a gente não aproveitasse aquela oportunidade para entender o que viria depois, se viesse uma outra pandemia - no caso epidemia, ele não falava pandemia -, se viesse uma epidemia como é que a gente ia fazer?! Desde 2015 foram 5 anos, e acho que a gente não aprendeu muito; espero que dessa vez a gente dê melhor sorte.

Participante 7: ZILSA SANTIAGO

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Educação, Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará (PPGAU+D / UFCE), email: zilsa@arquitetura.ufc.br

A pandemia pode impactar muito a ergonomia e a acessibilidade. Ela veio transformar muito nossos hábitos e a maneira de viver, pois somos obrigados a não circular na cidade. Sempre dissemos que faz parte da cidadania plena circular no espaço urbano. Então, hoje, estamos obrigados a viver na contramão do que sempre pregamos em relação a convivência no espaço público. A pandemia, inclusive, interditou duas das nossas pesquisas, uma de acessibilidade com idosos, no centro de Fortaleza e outra sobre mobilidade de pessoas com deficiência visual. Diante esta dificuldade, como é que a gente vai continuar falando com os idosos que frequentam o espaço público?! Eles não estão lá. E também, como acompanhar, neste período, pessoas com deficiência visual em seus deslocamentos na cidade, se eles estão em casa?

Hoje me volto, então, para as questões do ambiente residencial que, na verdade, é onde estamos obrigados a ficar. Aqui em casa eu até já anunciei: “Olha, todo mundo vai fazer um exercício. Primeiro escrever (ou tentar escrever) tudo que foi negativo em ficar em casa e, depois, escrever tudo que viu de positivo em ficar em casa”. Porque, muitas vezes, a gente não enxerga, no dia-a-dia, o que acontece ao nosso redor. Eu mesma estou vendo mil coisas diferenciadas, justamente por conta de ficar em casa.

Levar a questão para a residência é, também, uma oportunidade de verificar as condições de acessibilidade e de ergonomia. Aliás, não só na residência, mas em relação a qualquer ambiente. Triste do hospital hoje que não tem na sua entrada uma porta automática. E aí: “Ah! Cadê a porta automática?” - De quem é a responsabilidade? Do arquiteto ou design? E atualmente esse é um detalhe que está sendo importantíssimo. Uma porta automática, uma simples porta automática, que ninguém notava, agora está em evidência pelo fato de prevenir o contágio. Na residência, as condições de ergonomia e de acessibilidade é evidenciado, porque ressaltam a importância de elementos antes não muito percebidos, nos quais não se via a importância. Coisas simples, por exemplo, como a maçaneta de porta. Tem sido bom esse momento pra refletir sobre o que é necessário, sobre qual a melhor maneira de projetar.

Eu dizia sempre que espaço é luxo, mas, hoje eu digo que espaço é vida, pois é muito importante, inclusive considerando o que a professora Cristiane falou. Sinto-me uma privilegiada por estar confinada num espaço

em me sento bem. Tenho um filho com dificuldade de locomoção que, por vezes, usa a cadeira de rodas pois não tem autonomia no andar. Ele tem 1,80m e 90kg; até pouco tempo mantinha uma rotina: todo dia ia para sua escola, o Espaço Terapêutico, onde faz diversas atividades. Hoje estamos em casa, mas tivemos condições de, por conta do espaço amplo, criar uma rotina para ele: pela manhã, passear na varanda tomando banho de sol, mais tarde, ter espaço na sala para suas atividades, e ainda, ter espaço na varanda para ele poder ficar numa rede curtindo o ventinho de Fortaleza. Isso é um privilégio e o espaço é vida. Fiquei imaginando alguns colegas dele, outras crianças, jovens ou pessoas com deficiência, confinadas em espaços pequenos e com várias pessoas em casa. Gente, o espaço é vida; ele não é só luxo, é vida. Agora, para mim, tem essa nova conotação.

Além desses aspectos do espaço quero fazer algumas outras relações e, para isso, escolhi três aspectos: automação, comunicação e habitação.

O primeiro aspecto é a automação: porta de correr, iluminação de emergência, elevadores com comando de voz, porque, neste período de pandemia estão todos com medo de tocar nos comandos para subir/descer dos elevadores, por conta da possibilidade de contaminação. Assim, se o elevador tivesse comando de voz; os prédios dispusessem de controles remotos de abrir e fechar porta principal de acesso, coisas desse tipo, a automação facilitaria muito a vida das pessoas.

O segundo aspecto é a necessidade da comunicação para as pessoas com deficiência sensorial. Faço parte de um grupo de trabalho sobre Cultura Acessível aqui no Ceará. Tenho aprendido muito com eles sobre comunicação viável. Por exemplo, eu enviei um cartaz sobre um evento para o *facebook* e grupos do *whatsapp*, enviei só a imagem, não fiz a descrição, como podem os cegos decodificarem a imagem no celular? É necessário que tenha também a mensagem com a descrição da imagem, depois lembrei-me disso e enviei. São coisas assim, mas é um aprendizado e uma mudança de hábitos. Então, porque que eu estou dizendo isso? Porque este grupo batalhou muito para que as mensagens e *lives* do governo do Estado em relação às informações do COVID-19 tivessem tanto a descrição como audiodescrição, que as *lives* tivessem a janela de libras. O aspecto da comunicação acessível para todos é, realmente, muito importante.

O terceiro aspecto é a aplicação da acessibilidade na residência. O arquiteto Eduardo Ronchetti, especialista nessa temática, diz que na residência a norma ou a lei servem de base para se trabalhar, mas não se deve ficar só na norma, pois o usuário, morador ou proprietário, precisa participar das soluções, ou seja, as soluções vão ter que ser “validadas” por ele, levando em consideração as condições de deslocamento, a coordenação motora e características da pessoa. Por exemplo, no caso de um idoso de grande estatura, não se deve colocar um sofá baixinho. Já para um idoso pequenininho, não se pode colocar prateleiras altas, pois, até questões de musculatura, podem não permitir que ele levante demais os braços, e outras coisas desse tipo.

Ou seja, tudo isso mostra que, na residência, o profissional pode personificar o projeto e a norma passa a ser entendida como um pano de fundo, uma base. No entanto, a norma tem que ser obrigatória quando esse projeto é para uma instituição pública ou um espaço coletivo, como um shopping, escola ou outros. O profissional até pode ter outras maneiras de fazer, mas a norma e a legislação justificam a obrigatoriedade. E assim, aproveitando o que a professora Cristiane Duarte falou sobre empatia, eu acho muito importante trabalhar com os alunos com a empatia em projetos acessíveis.

Na minha disciplina de Desenho Universal coloco os estudantes em aula de campo para experienciar o ambiente. Eles ficam no meio da rua, andam com venda nos olhos, usam uma cadeira de rodas para atravessar. É semáforo tocando e eles atravessando e dizendo:

- Professora vai dar tempo?
- Olha, esse é o tempo do sinal! Vamos ver se vai dar tempo.

Faço esses exercícios para eles sentirem como é passar por isso, o que é você chegar na travessia da rua e não ter a rampa, o sinal não dar tempo suficiente para que atravesse com tranquilidade e segurança, ter que se apressar e não poder correr.

- E agora professora?
- Bem, agora você vai ter que se levantar e levar a cadeira até a calçada, mas como seria se você realmente não tivesse condição de locomoção?

Os estudantes dão muita importância a essas vivências. Acho que essa empatia é muito importante. E já colocando como sugestão, professora Cristiane, uma vez que o MEC sugere a curricularização da extensão, algumas disciplinas já podem entrar com a intenção de fazer esse tipo de trabalho participativo como extensionista dentro do curso. Eu vejo por aí, não sei se vocês concordam, mas eu acho válido.

Também concordo com o professor Eugenio, que falou que a ergonomia é ministrada nos cursos de graduação, mas meio 'de passagem'. No nosso caso também acontece. Aproveito para comentar sobre a participação da professora Vilma como professora visitante no Programa de Pós-Graduação da UFC, é um prazer muito grande para nós. Estamos trabalhando juntas e a disciplina de Ergonomia no mestrado tem sido muito interessante, fizemos um trabalho em conjunto com a graduação enfatizando a importância da ergonomia no projeto de arquitetura e foi realmente um sucesso. Com essa disciplina, muitos dos trabalhos foram aprovados para o ENEAC 2020, fruto dessa parceria. Isso foi muito bom.

Genericamente há mais um aspecto que eu quero ressaltar: os detalhes. Sempre digo que o detalhe é essencial em acessibilidade e em ergonomia; como ele você mostra se faz ou não faz acessibilidade. Fazer por fazer, fazer porque está na norma, não funciona. Realmente, a questão da empatia e de saber o porquê é muito importante. E também é fundamental trabalhar com os alunos nesse sentido.

Na verdade, essa pandemia vai ter impacto quanto à importância da ergonomia e da acessibilidade... elas trabalham no sentido de quê?! Da qualidade de vida das pessoas. Sejam pessoas idosas, com deficiência ou não. Mas é a qualidade de vida que importa. Então, pensar na qualidade de vida requer pensar sobre autonomia, conforto e segurança. São os três princípios básicos, isso se tornou muito evidente agora. Realmente acho que temos que aproveitar justamente esse período para mostrar como, e qual, é a realidade, realidade no sentido de verificar se os ambientes de hospitais, de clínicas, são acessíveis para todos? Quantas clínicas que vou e encontro uma rampa, mas nenhum idoso sobe por ela, pois não se sente seguro, pois ela é muito alta/íngreme ou demasiadamente longa. Então, são coisas assim que podem fazer a diferença, a percepção dos detalhes.

Finalizando, lembrei da hospedagem acessível. Como estão os hotéis? E como vão ficar? Fizemos uma pesquisa grande com os hotéis em Fortaleza. Alguns não nos permitiram entrar, justamente porque não tinham nenhum item de acessibilidade. A hotelaria é muito importante em toda a cidade, e o turismo acessível é uma necessidade. A população idosa logo vai ser maioria no nosso país. É preciso, portanto, pensar na hospedagem acessível. Quantos hotéis não têm nem a entrada acessível, nem o balcão de recepção acessível. São observações cabíveis neste tempo que estamos vivendo, e que servem para fortalecer a necessidade (e a importância) de se trabalhar com as questões de ergonomia e acessibilidade.

FINALIZANDO A CONVERSA (ou dando início a novos debates)

Na continuidade da roda de conversa, os participantes discorreram brevemente sobre alguns dos interesses da plateia virtual (acessados por meio de perguntas e comentários inseridos no *chat* paralelo ao evento). Nessa etapa, a maior parte das intervenções recebidas se relacionou a investigar possibilidades para, a partir da incidência do COVID19 e no pós-pandemia:

- surgir um novo olhar para a arquitetura (enquanto projeto e como construção), ou mesmo promover o aparecimento de novos modos de se fazer arquitetura;
- ser necessário que os profissionais de AUD (re)ensem a Ergonomia como chave para a Arquitetura de Interiores, ampliando a participação do desenho universal na ação projetual, focalizando a flexibilização e a humanização como elementos determinantes da concepção do projeto em todas as suas fases;
- prestar auxílio técnico à população para que as pessoas possam (re)adequar o espaço da sua moradia a outras atividades, sobretudo ao trabalho e ao estudo;
- tornar a ergonomia e a acessibilidade não apenas 'exigências transversais' às disciplinas de projeto de AUD, mas um item (atividade ou disciplina) obrigatório, presente nos currículos da graduação;
- discutir como as questões legais e normativas relativas à ergonomia e à acessibilidade podem ser rapidamente pensadas e implementadas, incorporadas à construção dos edifícios e das cidades, uma vez que, sendo aspectos essenciais ao bem estar de todos, atuam em prol da vida urbana, da diversidade e das questões culturais;
- incentivar as pesquisas nesse campo, a fim de agilizar o surgimento de respostas e reflexões sobre o tema com foco na realidade brasileira.

Diante do número crescente de necessidades atualmente experienciadas (e mesmo de algumas que ainda nos são inconscientes), enquanto discurso coletivo a mesa redonda virtual realizada permitiu que aflorassem algumas ideias-chave (palavras ou expressões) relacionadas ao reconhecimento e enfrentamento da presente situação, as quais dividimos em três grupos.

O primeiro grupo diz respeito ao diagnóstico da atual conjuntura, e incorpora os termos: Mudança; Transformação; Desafio; Saúde mental; Pessoas (gente, ser humano) como centro das decisões; e, ainda, Preocupação e Descaso (sobretudo com relação às populações mais vulneráveis, em especial pessoas idosas, com deficiências e/ou socioeconomicamente carentes).

O segundo grupo se refere ao modo de, enquanto pessoas, lidarmos com circunstâncias adversas e aprendermos com elas. Nesse campo os convidados ressaltaram: Cuidar de si e do outro; Desvendar e se familiarizar com novos modos de comunicação; Encarar o momento presente como uma oportunidade para (re)inventar e (re)inventar-se; Resiliência.

Finalmente, o terceiro grupo de ideias destaca elementos que poderiam ampliar a participação da Ergonomia e da Acessibilidade nas decisões projetuais inerentes à área de Arquitetura, Urbanismo e Design, a fim de tornar as soluções mais coerentes com a realidade e mais adequadas, não apenas ao atual contexto adverso, mas ao bem estar de todos. Entre estas últimas, as falas dos participantes chamaram atenção para: Valorização do espaço-de-vida e da qualidade do espaço como elemento essencial à qualidade de vida; Relação dinâmica entre micro e macro ambientes; Incorporação de tecnologia/automação às diversas fases do projeto, da concepção à execução; Busca por soluções baseadas na inter, multi e transdisciplinaridade; Projetação empática e generosa.

Eis, portanto, vários novos temas a serem discutidos e investigados, mantendo-se em mente a lição de vida contida no poema “Depois de tudo”, de Fernando Pessoa:

De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre a começar...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que de podemos ser interrompidos antes de terminar...

Por isso devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro.

REFERENCIAS

BRASIL. *Lei nº 13.146 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*, de 6 de julho de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em 13/maio/2020.

DEVANDAS, Catalina. *COVID19: Quem protege as pessoas com deficiência?* Genebra: Organização das Nações Unidas (ONU), 17/março/2020. Disponível em <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25725&LangID=E>. Acesso em 13/maio/2020.

MOVIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. *Todas as vidas importam* (Nota recomendatória). Rio de Janeiro, 2020.

NOTAS

- 1- Para mais informações sobre o evento consultar o site: www.eneac2020.com.br.
- 2- A íntegra dessa roda de conversa está disponível em: <https://www.facebook.com/eneac2020/videos/2615224548753988>
- 3- Mais informações em [phttps://g1.globo.com/ri/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/27/mae-cria-mascara-transparente-para-ajudar-filho-surdo-na-leitura-labial-aprenda-como-fazer.ghtml](https://g1.globo.com/ri/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/27/mae-cria-mascara-transparente-para-ajudar-filho-surdo-na-leitura-labial-aprenda-como-fazer.ghtml)
- 4- Mais informações em https://www.ted.com/talks/bill_gates_the_next_outbreak_we_re_not_ready?language=pt-br

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).